

## **Homens cisgêneros gays e a sexualidade** Reflexões e inquietações

Daniel Cerdeira de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Historicamente, a homossexualidade masculina é entendida como desvio moral e isso gera processos de subjetivações peculiares em homens cisgêneros gays. O objetivo deste estudo foi refletir sobre aspectos sociais que mediam a vivência da sexualidade desses homens. Trata-se de um estudo teórico, em que tentei, sem encerrar as discussões e usando a interseccionalidade como operador analítico, desenvolver algumas reflexões em sete categorias de análise, construídas mediante vivências minhas enquanto pesquisador de gênero e sexualidade. As sete categorias são: 1) Homossexualidade masculina e desenvolvimento social; 2) O corpo, o gênero e a norma; 3) Racismo; 4) Dinheiro, poder e masculinidades cisgêneras gays; 5) Pornografia e homossexualidade masculina: subjetivação e violência; 6) O Chemsex; 7) Violência na intimidade e políticas públicas. De maneira geral, foi possível discutir aspectos históricos e sociais presentes na maneira como homens cisgêneros gays aprendem suas vivências sexuais, com atenção especial ao encontro entre as categorias de gênero (feito e refeito no corpo), raça e classe na produção das relações afetivas e sexuais. A hipermasculinidade emergiu como um ponto muito importante da discussão, de modo que outras categorias, como a classe, podem ser utilizadas para manter o homem gay o mais masculino o possível, mantendo assim, seu capital sexual na comunidade. Foi possível ainda observar que a sexualidade de homens cisgêneros gays é imersa em relações de poder com outros homens, e que o estresse social de ser dissidente da heterossexualidade, além de poder culminar no uso de substâncias para o fenômeno do Chemsex, que é pouco discutido na experiência homossexual brasileira. Além disso, a violência na intimidade entre esses homens é um tema que carece de políticas públicas específicas, o que gera a impressão de não existência.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Homossexualidade masculina; Homens gays; Masculinidades.

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia na área de concentração Psicologia Social e Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Instituto de Natureza e Cultura da Universidade federal do Amazonas (Benjamin Constant/AM). [dancerdeira01@gmail.com](mailto:dancerdeira01@gmail.com)

## Introdução

No momento em que me debruço a escrever esse texto, eu, um homem gay cisgênero<sup>2</sup> de trinta e poucos anos, me encontro cheio de inquietações sobre os significados que me ajudam a subjetivar minha sexualidade enquanto dissidente da heterossexualidade. Do “alto” dos meus privilégios sociais como homem cis e cheio de temores sobre como minhas provocações podem ser recebidas pela comunidade científica e pela comunidade LGBT<sup>3</sup>, objetivo, nesse texto, refletir sobre alguns processos sociais e históricos que envolvem o exercício da sexualidade por homens cis gays.

As provocações sobre a sexualidade masculina se inserem nos estudos sobre as masculinidades, as quais aqui são compreendidas como diversas, contextuais, históricas e em constante transformação, imersas em relações de poder que envolvem várias categorias identitárias. Rechaço então, a suposta ideia de uma “crise da masculinidade”, por entender o essencialismo e reducionismo por trás do conceito. Se houvesse uma masculinidade em crise, essa masculinidade teria sido então “rompida”, como um cristal que precisaria ser colado ou restaurado. Entendendo as masculinidades como plurais, aceito a perspectiva da possibilidade de coexistência de várias formas de ser/estar homem, a partir dos estudos de gênero, compreendido aqui a partir do conceito de performatividade<sup>4</sup> proposto por Judith Butler.

---

<sup>2</sup> A cisgeneridade corresponde a identificação com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer (OLIVEIRA, 2010).

<sup>3</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, sigla padronizada na 1ª Conferência Nacional LGBT no ano de 2008 em Brasília.

<sup>4</sup> um sexo previamente dado, ele também designa o aparato de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. O gênero produz a falsa noção de estabilidade no qual a matriz heterossexual está amparada e essa manutenção se dá pela através da performatividade, ou seja, pela repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, que reforçariam a construção dos corpos masculinos e femininos de forma binária como nós os vemos atualmente, dessa forma, para Butler, gênero é a repetição intencional que produz significados.

Um outro ponto de partida é o lugar da homossexualidade masculina, que mesmo presente em toda a história, ainda perturba a ordem social. Por muito tempo, a homossexualidade foi considerada uma patologia e o reconhecimento internacional da retirada da homossexualidade do rol de doenças só foi alçado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1990 (Gama, 2019). Mas ainda hoje, estereótipos moldam a subjetividade de muitas pessoas com significados preconceituosos em relação ao homoerotismo, de forma que a expressão “gay” é utilizada para designar homens que se sentem atraídos sexual e afetivamente por outros homens e por muito tempo (e mesmo atualmente), o termo foi utilizado como forma de agressão a aqueles que, de alguma forma, ameaçam os limites impostos pela ordem sexo-gênero, que toma a heterossexualidade e a cisgeneridade como norma. Apesar de entender que existem homens que se relacionam com outros homens e não necessariamente se identificam como homossexuais, nesse estudo, utilizarei o termo “gay” por entender a sua força política.

A sexualidade, segundo a Organização Mundial da Saúde (2015), engloba o ato sexual, a identidade e expressão de gênero, a afetividade, orientação sexual, o planejamento familiar e uma ampla gama de direitos. Os significados sobre ela mudam conforme o contexto social ao longo da história, seguindo a moral vigente da época. Ela é um aspecto central na vida das pessoas, presente durante toda a vida, sendo um direito inerente ao ser humano.

Para não cair em reducionismos, me atentarei ao uso da interseccionalidade como ferramenta de análise. Fazendo um recorte temporal e histórico a partir de Léila Gonzalez, podemos perceber que a autora foi um expoente importante na construção da proposta da interseccionalidade. Gonzalez (2020) defendeu a necessidade do feminismo latino-americano observar e repensar suas contradições internas por conta das inúmeras desigualdades raciais e étnicas que caracterizavam esse movimento, pois as mulheres negras e indígena, experienciavam as maiores e mais profundas formas de discriminação, violência e exclusão quando comparadas com mulheres brancas.

Apesar das provocações de Léila Gonzalez, a criação do conceito de interseccionalidade é atribuída a Kimberlé Crenshaw. Nos anos 80, a autora trouxe para a reflexão a denúncia de que mulheres afro-americanas eram atravessadas de um lado pela discriminação de gênero e ao mesmo tempo, por outro lado, pela discriminação racista e a essa articulação de dois ou mais eixos de opressão operando sobre o mesmo corpo, chamou-se de interseccionalidade, que é utilizado como uma ferramenta de análise teórica das relações sociais (Crenshaw, 2002). De acordo com Platero (2014), a interseccionalidade pode ser entendida como um estudo das relações de poder, que também incluem experiências que podem ser entendidas como "pertencente às margens" ou "dissidentes".

Essa ferramenta teórica nos permite observar com profundidade como as relações influenciam ou mesmo constituem as relações sociais nas sociedades que tem a diversidade como eixo central. A interseccionalidade considera as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, deficiência, etnia, idade, dentre outras, se inter-relacionam e se moldam numa dinâmica complexa e constante, de forma a ser um apoio importante na compreensão da complexidade das experiências humanas (Collins, Bilge, 2020). Segundo Akotirene (2019), a interseccionalidade permite a criticidade política a fim de se compreender a fluidez das identidades subalternas impostas por opressões, discriminações e dominações estruturantes da matriz colonial moderna.

Desse modo, nesse estudo, pretendo fazer algumas discussões sobre aspectos do exercício da sexualidade por homens cis gays. O texto está dividido em temas que se interligam e formam uma teia de significados e não pretende encerrar a discussão sobre a temática, antes, pretendo abrir um espaço de reflexão que possibilite a inquietação do leitor.

## **Homossexualidade masculina e desenvolvimento social**

É dado comum na literatura, a existência entre dissidentes da norma heterossexual, as constantes retaliações familiares, sociais e até mesmo auto impostas que objetivam disciplinar seus corpos as normas da heterossexualidade. Esse movimento pode ser compreendido a partir do poder disciplinar discutido por Michel Foucault (1996). O poder, para o teórico, é um exercício, não estando mais concentrado unicamente nas mãos do Estado ou de classes sociais específicas, ou seja, o poder é exercido nas relações sociais, como via de mão dupla, onde todos e todas podem exercê-lo em algum momento e de alguma forma. Nesse sentido, observamos que no desenvolvimento social de homens cis gays, esses podem passar por diversas formas de disciplinarização, para que atendam as normas da heterossexualidade.

A homofobia, definida como a discriminação contra pessoas que ameaçam o binômio sexo-gênero da norma heterossexual (Souza et al., 2018) tem parte fundamental nessa empreitada. Nesse bojo, crianças e adolescentes não disciplinadas de maneira “aceitável” a norma heterossexual, passam por inúmeras violências nas instituições disciplinares<sup>5</sup> que passam durante sua vida. É discutido na literatura que minorias sexuais passam por muito mais situações de estresse no curso do seu desenvolvimento do que pessoas heterossexuais e essa condição de estresse está intimamente ligada à sua posição social-identitária marginalizada, já que a sociedade não reflete os interesses da minoria, e sim da maioria. Essa questão é denominada estresse social minoritário (Meyer, 2003).

---

<sup>5</sup> Ao ser exercido de maneira micro social, o poder é exercido de maneira a disciplinar os sujeitos e para isso, existem as chamadas instituições disciplinares, como as escolas, as igrejas, presídios, empresas, dentre várias outras, que tem por objetivo docilizar os corpos utilizando um conjunto de discursos, leis, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas e etc que visam normatizar, controlar e estabelecer "verdades" a respeito do corpo e seus prazeres (Foucault, 1996).

Por outro lado, a homofobia pode ainda auxiliar nos processos de subjetivação de adolescentes do gênero masculino sobre sua própria sexualidade. Quando essa questão ocorre em adolescentes gays cis, é chamada de homofobia internalizada, onde homossexuais internalizam e reproduzem os significados discriminatórios da homossexualidade, e isso os leva a processos de autodesvalorização, autoestima fragilizada e conflitos de não aceitação em relação aos seus desejos e sua identidade sexual (Souza et al., 2018). Esse movimento é compreendido como um dos principais aspectos do estresse social minoritário, onde o sujeito de uma minoria sexual constrói sua identidade sexual a partir de significados negativos o qual está/esteve exposto no decorrer de seu desenvolvimento.

Para lidar com o conflito entre desejo sexual e as pressões sociais heteronormativas, o exercício da sexualidade homossexual para muitos homens gays pode começar mediado pelo segredo. Experiência comum a muitos homens dissidentes da heterossexualidade é que em algum momento, para alguma ou algumas pessoas, sua orientação sexual já foi ocultada. A esse movimento de ocultação, damos o nome de “estar no armário”. De acordo com Sedgwick (2007), o armário é um regime de controle da sexualidade que rege e mantém a divisão binária hétero/homossexual no ocidente desde fins do século XIX. Se caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas que faz do espaço público sinônimo de heterossexualidade, marginalizando ao privado e ao segredo as relações homossexuais.

O exercício da sexualidade “no sigilo” tem diversos desdobramentos. Do ponto de vista afetivo sexual, o que é possível fazer “no sigilo”? É possível perceber que as normas sociais dificultam o desenvolvimento da capacidade de formação de vínculos afetivos para muitos jovens gays, muitas vezes limitando a experiência da sexualidade ao ato sexual em si e em segredo. Se você é um homem gay, te foi possível levar um namoradinho de adolescência para apresentar a sua família naquele almoço de domingo? Ou mesmo em outras datas?

A “saída do armário” ou o “assumir-se” é uma experiência que não existe de maneira nenhuma no curso de vida de heterossexuais. Dessa forma, será que poderíamos compreender que a sexualidade de homens gays é (ou pelo menos tem grandes chances de ser) subjetivada a partir do “sigilo”? Mas esse sigilo não é somente em relação ao ato sexual ou ao interesse afetivo em si, é um sigilo que extrapola o segredo, que se faz no corpo, pois ser “discreto” muitas vezes é um componente essencial do exercício da sexualidade de muitos homens homossexuais. A “discrição”, pode ser entendida como um aspecto de performatividade de gênero amparada na cisgeneridade ao mesmo tempo em que tem o alcance da desta como objetivo final, pois é ela que dá inteligibilidade aos corpos, de forma que em um ambiente heteronormativo, quanto mais próximo dos estereótipos de gênero da masculinidade tradicional (que é heterossexual), mais “seguro” esse sujeito estaria. Há de se pensar ainda, que existem jovens homossexuais não disciplinados aos padrões cis-heterossexuais e estes, ao não conseguirem ser inteligíveis<sup>6</sup> socialmente, são marginalizados e podem até se tornar vidas matáveis, onde sua morte serviria para a proteção da norma heterossexual e por outro lado, os padrões cis-heteronormativos tem papel primordial no reforço dos significados sociais que sustentam a homofobia internalizada.

“Assumir-se” enquanto homossexual significa que sua identidade sexual deixaria de ser um segredo para ser compartilhada, mas esse processo pode não ser fácil quando o homossexual não encontra suporte social intra e extrafamiliar, visto que os recursos sociais da comunidade LGBT são limitados e pouco alcançam os sujeitos que dela precisam, principalmente pelos estigmas relacionados a ser percebido como LGBT e as relações familiares entre pais heterossexuais e jovens homossexuais é relatada com cercada de tensões, rejeições e violências, principalmente em famílias entendidas como conservadoras (Souza et al., 2019).

---

<sup>6</sup> De acordo com Butler (2003) para que um sujeito seja "legível" e "inteligível" dentro da cultura, é necessário que se mantenha um conjunto de "relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

## **O corpo, o gênero e a norma**

O corpo, para além de suas funções biológicas, assume significados históricos. A partir dos estudos de Michel Foucault, entendo o corpo como uma forma de superfície de inscrição de acontecimentos no decorrer da história e é no corpo que a produção de discursos e saberes materializa seus significados. Retomando a discussão sobre “discrição” dos parágrafos anteriores, posso trazer a reflexão de que esse movimento, para além de uma forma de proteção contra as discriminações homofóbicas e disciplinares da heteronorma, pode ainda funcionar como uma forma de angariar capital sexual. Esse movimento se dá a partir do conceito de homonormatividade. Esse conceito diz respeito a uma vivência de gênero performatizada de forma que torne a homossexualidade “aceitável” aos olhos da norma heterossexual, e isso se faz através de uma progressiva aproximação com os padrões, valores e moralidades cultivados pela heteronorma (Oliveira, 2013). Para permanecer no armário, por exemplo, seria então necessário se homonormatizar em algum nível.

Essa aproximação com os valores e estereótipos da heteronorma, através da homonormatividade, pode fazer com que homens gays reproduzam os mesmos valores que os oprimem, mas esses valores, representados no corpo também regulam o poder nas masculinidades. Então, a aproximação com os valores da masculinidade heterossexual tradicional, viril, violenta, inabalável auxilia homens gays a subjetivarem sua sexualidade, de forma que se tornou comum entre homens gays, a expressão “não sou e não curto afeminados” para estipular uma performatividade de masculinidade que seria a ideal para o envolvimento afetivo-sexual. Ou seja, o que é atraente, do ponto de vista da atração sexual, seria a vivência performatizada de gênero da masculinidade tradicional heterossexual?

Para auxiliar na reflexão, Connell (1995) discute que existem alguns tipos de masculinidade que se relacionam entre si, esses tipos são: a masculinidade hegemônica, que se baseia-se na ideia de “liderança natural” por parte do homem, onde o tecido

social organiza-se para e a partir do homem cisgênero heterossexual branco. Nesse sentido, são estabelecidas as posições polarizadas de dominantes e dominados, onde essa masculinidade precisa ser o tempo todo confirmada e reconfirmada para que não saia de sua “posição hegemônica”. A masculinidade subordinada, que diz respeito à dominância e subordinação entre grupos de homens, como é o caso da dominação dos homens heterossexuais e a subordinação dos homens homossexuais. A masculinidade cúmplice se define pela conexão com o projeto de masculinidade hegemônica, mas sem a completa incorporação deste projeto e é cúmplice porque percebe e desfruta de algumas vantagens do patriarcado sem defenderem publicamente esta posição e a masculinidade marginalizada, que se refere a relações entre as masculinidades e classes ou grupos étnicos dominantes e subordinados, sendo uma masculinidade que está marginalizada devido à condição subordinada de classe ou raça, por exemplo.

Por outro lado, há ainda de se pensar o papel da cisgeneridade nesse processo. De acordo com Hining e Toneli (2023), a cisgeneridade normatiza e naturaliza as noções de ser homem/mulher, o que faz com que as pessoas sejam tratadas socialmente a partir de um patamar privilegiado, pois antes de tudo, a cisgeneridade é política, portanto, tona-se importante para homens gays cis homonormatizados a preservação e reprodução da norma cis-heterossexual, pois isso os mantém no limiar de reconhecimento médico, jurídico e político enquanto homens (inclusive diante de outros homens).

Observemos que homens homossexuais que se aproximam dos valores da heteronorma cisgênera acabam por serem beneficiados, em algum nível, pela mesma norma que oprime aqueles homens que não estão disciplinados a heterossexualidade. Esses homens, ainda que “subordinados” a heterossexuais por conta de sua orientação sexual dissidente, assumem, de alguma forma, frente a outros homens gays, posições hegemônicas. Falamos então centralidade do gênero nos processos de subjetivação de homens e o corpo, nesse espaço, surge como instrumento de baliza que pode, de alguma

forma, demonstrar o quão homonormatizados estão os sujeitos dissidentes, pois o corpo é uma das portas de entrada que dá significação do que é ser masculino.

Nesse sentido, podemos encontrar os significados que motivam homens gays a fazerem modificações nos seus corpos em busca de um padrão ideal. De acordo com Iriart, Chaves e Orleans (2009), é observado um crescimento em relação a valorização do corpo com fins estéticos. Esse movimento tem origem nos processos de consumismo e individualismo da sociedade pós-moderna, sendo potencializado pela mídia, criando assim, necessidades que alimentam uma indústria milionária.

Em relação a homens gays, os músculos e a beleza corporal tendem a ser valorizados como aspecto de performatividade de masculinidade. Atingir um determinado padrão de beleza masculina que aponte para a heterossexualidade viril pode auxiliar homens gays a fugir de discriminações na sociedade e melhor se ‘disfarçar’ nela e esse movimento surge com na identificação com os valores da cisgeneridade masculina e isso justificaria intervenções biomédicas sobre o corpo. Uma reportagem da BBC (2020), trouxe o relato de alguns homens cis gays que realizaram intervenções médicas sobre o seu corpo afim de se tornarem mais “atraentes” para outros homens. O uso de anabolizantes foi relatado como uma das principais formas de intervenção, o que trouxe riscos para a saúde dos indivíduos. Na pesquisa de Iriart, Chaves e Orleans (2009), a principal razão para o uso de anabolizantes foi a estética, que por outro lado, sugere o potencial do corpo para capitalizar sexualmente.

Então, pode-se observar que o corpo pode delinear relações de poder entre homens cis gays devido aos padrões de beleza e masculinidade, no sentido de que aquele que mais se aproxima dos atributos valorizados pela heteronorma, estaria em “vantagem” não somente pela proteção contra a discriminação que essa aproximação traz, mas também estaria imbricado no poder que o atendimento padrões de beleza heteronormativos trazem. Ou seja, o homem gay dito “padrão”, encontra-se supostamente em uma posição superior em relação a outros homens gays que rompem com o gênero da cis-heteronormatividade. Essa teia de micro poderes auxilia na

subjetivação da sexualidade de homens dentro da comunidade gay, criando uma forma de hierarquia dos corpos.

Mas o corpo ainda traz complexidades que precisam ser pensadas. É o caso do corpo de homens gays com deficiência. Essa última, é uma categoria identitária que reclama o direito de existir. No campo da sexualidade, geralmente pessoas com deficiência são vistas como assexuadas (principalmente se a deficiência for do tipo intelectual), mas quando operamos a interseccionalidade entre gênero, deficiência e orientação sexual, observamos que homens gays com deficiência, ainda que cisgêneros, vivenciam discriminações baseadas em gênero, por serem pensados como “homens sem potencial de masculinidade e incompletos” (Calabrò et. al. 2018) ao mesmo tempo que passam por discriminações advindas do capacitismo<sup>7</sup> e também discriminações por conta de sua identidade sexual dissidente na sociedade e dentro da própria comunidade LGBT, que não consegue acolher pessoas com deficiência e reconhecer seu direito à sexualidade (McCann; Lee; Brown, 2016).

### **Racismo**

Para Foucault (1996) a raça é constituída partir dos efeitos práticos dos dispositivos de poder que se articulam com discursos locais para constituírem “verdades” sobre os corpos, segregando estes em uma hierarquia em que a vida de uns vale mais que a vida de outros. O racismo tem sua origem no genocídio colonizador, além de estar ligada ao discurso de saber médico, onde enfocou-se que haveria corpos “natural e biologicamente” ligados a questões como criminalidade, loucura e anomalias.

---

<sup>7</sup> O capacitismo diz respeito a um sistema opressor em função da adequação dos corpos a um ideal de funcionalidade biológica. Advém de julgamentos morais que classificam pessoas com deficiência como incapazes por não atenderem padrões de funcionamento corporal-biológico. É uma forma de eugenia dos corpos à medida em que se mobiliza o que pessoas com deficiência são capazes de fazer para serem consideradas humanas (GESSER, 2019).

O racismo em Foucault então é um elemento constitutivo do biopoder que culminou, por exemplo, no nazismo.

Partindo dessa questão, ao refletirmos sobre a raça e orientação sexual, não podemos deixar de lado a discussão de gênero. Para exemplificar essa interseccionalidade, gostaria de citar uma reportagem da revista Isto É (2020), onde o ator negro e gay Ícaro Silva descreve o racismo na comunidade gay a partir de dois aspectos: segregação e hipersexualização. A segregação ocorre na medida em que a homens negros é negado o direito a afetividade. O ator explica que por diversas vezes já ouviu, principalmente de homens gays cisgêneros brancos, que estes não sentiam atração por homens negros, mas, por outro lado eles são hipersexualizados como o “negão do pau grande que vai satisfazer todos os seus desejos”. Tais dados foram corroborados por Souza (2022), onde na pesquisa do autor, homens negros foram considerados úteis para a relação sexual devidos seus supostos pênis avantajados, mas a utilidade acabava aí, pois todos os homens negros relatavam a dificuldade de conseguirem se envolver de maneira íntima e duradoura com alguém.

A negação da afetividade e hipersexualização do corpo gay negro encontra raízes no genocídio colonizador brasileiro. De acordo com Santos (2014), o processo da escravidão constituiu inúmeros estigmas e mitos sobre homens negros, que eram sempre caracterizados como indivíduos irracionais, incivilizados ou meros animais desprovidos de inteligência, humanidade e cultura. Apesar de esteticamente, os homens africanos se encontravam bem distantes dos padrões de beleza europeia, os escravizados possuíam uma beleza “peculiar” agradável aos olhos de parcela dos colonizadores europeus por ser uma “beleza exótica”. Tais mitos nos dão pistas sobre a construção do mito sexual do negro hiper erótico, libidinoso e “bom de cama”: o escravismo colonial rebaixou e inferiorizou o homem negro ao trabalho forçado e à procriação animal. Tais questões dão força para a criação do mito do homem negro estuprador, por este ser animalesco e descontrolado.

De acordo com Souza (2021), a raça também cria uma forma de hierarquia de masculinidades dentro das relações íntimas entre homens, onde o homem gay negro é inferiorizado de diversas maneiras. Quando operamos a interseccionalidade entre raça, classe e gênero, podemos ainda observar que homens gays negros que rompem com os estereótipos de gênero da cis-heteronorma e que sejam de classes sociais baixas vivenciam muito mais estressores sociais, o que dificulta o encontro de parceiros íntimos para relações amorosas.

### **Dinheiro, poder e masculinidades gays**

As masculinidades, sendo significadas em relações de poder, tem vários atravessamentos e um desses é o poderio advindo das diferenças de classe. A classe é um conceito amplo, que envolve uma gama de características culturais, histórico-sociais, educacionais, e tem como um fator fundamental o fator financeiro (Barata et al., 2013), nesse sentido, me atarei nesse momento a esse aspecto. A literatura relata que as desigualdades de renda entre casais masculinos podem se tornar um fator de risco para a violência na intimidade e essas diferenças ainda limitam a capacidade de saída do relacionamento abusivo (Goldenberg et al., 2016). Além do mais, na pesquisa de Woodyatt e Stephenson (2016), os parceiros com mais recursos financeiros foram percebidos como tendo o poder de fazer com que seus parceiros com menos dinheiro se sentissem em dívida e, assim, fazendo seus parceiros se sintam controlados e intimidados.

Nesse cenário, emerge um outro personagem, o “sugar daddy”. Também conhecido como “Velho da Lancha”, que se configura como a representação de um homem maduro, geralmente de idade mais avançada (mas não necessariamente idoso) que tem poder financeiro acima da média populacional e usa de tal poder para conquistar e “mimar” seus parceiros amorosos (Tiriba, 2019). Em uma perspectiva heteronormativa, o sugar daddy poderia ser pensado como uma representação do projeto

de masculinidade, onde o homem, sendo o provedor, teria na relação com a mulher (a submissa, conquistada e passiva), sendo o reforço dos estereótipos da cisgeneridade heterossexual (Baranski, 2019).

Quando pensamos na figura do sugar daddy na comunidade gay, é preciso que observemos algumas complexidades. De acordo com Souza (2021), dentro da comunidade gay, a velhice pode ser percebida como uma forma de perda de virilidade e de masculinidade. Então, estaria o sugar daddy compensando essa perda com seu poder financeiro? E mais do que isso, existiria o exercício de poder de uma masculinidade mais velha sobre uma masculinidade mais nova? Ou da masculinidade mais nova, forte e viril sob a masculinidade mais velha? Não sei se encontro resposta para essas perguntas sem cair em reducionismos, mas podemos observar a via de mão dupla do poder, como descrita por Foucault (1996).

Outro ponto que atravessa a experiência *suggar* é o sigilo. Quando consideramos que existem sugar *daddies* que tenham vidas heterossexuais (homens casados com mulheres) e que “no sigilo”, se envolvam com outros homens, o estresse de uma “vida dupla” pode trazer muitos danos a sua saúde e nesse bojo de complexidade, posso citar a experiência dos homens que se relacionam com estes sugar *daddies*. Consideremos a seguinte situação: Se um homem gay (entendendo a força política da categoria) se relaciona “no sigilo” com um sugar *daddy* que tem uma vida heterossexual (ou mesmo com outro homem que não esteja nessa posição *suggar*, mas que performatize a heterossexualidade em um relacionamento conjugal e socialmente também), estaria esse homem gay, de alguma maneira contribuindo para a opressão das mulheres heterossexuais que se relacionam com esses homens?

É claro que em uma situação como essa, existem vários atravessamentos que precisam ser considerados, e o ponto da minha reflexão aqui é como os movimentos da heteronorma influenciam na construção da sexualidade homossexual masculina e como isso reflete, direta ou indiretamente nas opressões as mulheres. Assim, observamos a interseccionalidade entre gênero e classe na produção da sexualidade homossexual.

Ainda há uma outra questão. É possível observar a existência de outro ator no cenário gay que envolve a idade: a maricona. De acordo com Braz (2015), o termo é uma forma de depreciação contra homens gays que supostamente ‘envelheceram mal’. Mas de que mal envelhecimento estamos falando? De acordo com Henning (2010), as representações dos modelos de envelhecimento positivo homossexual estão ligadas a uma ideia de status socioeconômico elevado. Ou seja, a maricona é o homem homossexual mais velho sem a capacidade ‘*sugar*’.

Nessa relação ainda é possível acrescentar a dinâmica de gênero: com o poder financeiro, é possível ao homem gay cis entendido como *sugar daddy*, fazer intervenções no seu corpo que o torne cada vez mais masculino, em uma íntima relação entre classe/gênero, que ao tornarem ‘mais masculino’, disponibiliza ao *sugar daddy* capital sexual. Para a maricona, essa relação não é possível, devido às claras limitações financeiras, o que segundo Braz (2015), pode influenciar na solidão vivida pela maricona, o que faz com que lugares como saunas gays, superem o estereótipo de serem apenas ‘lugares de pegação’ e se tornem importantes lugares de sociabilidade, lazer, criação e manutenção de redes de amizade e afeto.

### **Pornografia e homossexualidade masculina: subjetivação e violência**

A pornografia tem origem na descrição dos atos e costumes de prostitutas na Grécia antiga. Ela é entendida como uma forma de obscenidade, uma fuga dos padrões de sexualidade considerados normais, mas está vinculada ao mercado de consumo no mundo contemporâneo (Borges; Tilio, 2018).

No que diz respeito às masculinidades, a pornografia tem um papel quase que pedagógico no quesito sexualidade, no sentido de que o seu consumo é um dos meios pelos quais homens aprendem suas referências sexuais. Por exemplo, através da pornografia (mas não somente por ela) homens significam a submissão do feminino, não somente em relação a figura da mulher em si, mas quando falamos em homens

homossexuais, a pornografia auxilia na subjetivação de quem seria aquele que é penetrado (o passivo) na relação e como ele deveria servir aquele que penetra (o ativo). Aqui observamos a reprodução do binarismo cis-heterossexual.

Além disso, a pornografia também auxilia a subjetivação da penetração como o ápice do prazer na relação sexual e na banalização da violência nas relações sexuais. Se, por exemplo, a penetração anal estiver desconfortável ou mesmo doendo, caberia então ao passivo “aguentar firme”, pois esse seria seu papel enquanto sujeito a ser penetrado. E essa perspectiva se torna um tanto quanto mais complexa e problemática quando refletimos sobre a importância do tamanho do pênis para homens.

O pênis, revisitando perspectivas psicanalíticas, representaria poder. Especificamente seu tamanho, quanto maior ou menor, poderia representar quantidade e qualidade de poder nas relações entre masculinidades. O homem “dotado” seria aquele que tem o tamanho peniano maior que a média, e isso pode trazer um certo capital sexual para as masculinidades, de forma que homens com o chamado “pau pequeno”, podem sentir sua masculinidade e virilidade comprometida, acarretando sentimentos de inferioridade e baixa autoestima.

Assim, o consumo de pornografia auxilia na subjetivação, por parte de homens gays cis, sobre como a relação sexual deveria ser realizada, ou mesmo como esse homem gay deve se comportar em uma relação sexual, de forma que essas regras de performance apontam para prerrogativas cis-heterossexuais nos papéis de ativo/passivo. Além do mais, a pornografia também auxilia na subjetivação de quais corpos seriam os ideais para se ter relações sexuais, no sentido de que corpos que atendem as normas heterossexuais de beleza e atratividade estariam em vantagem no momento de encontrar parceiros para relações sexuais e ao mesmo tempo, a pornografia reduz a sexualidade ao ato sexual, o que pode ir de encontro a sexualidade de homens gays, já que como foi discutido anteriormente, muito da sexualidade de homossexuais masculinos é subjetivado em segredo, limitando as trocas afetivas e privilegiando atos sexuais em si.

## O Chemsex

O termo "Chemsex" é usado para descrever o ato sexual intencional sob a influência de substâncias psicoativas, e o fenômeno é observado principalmente entre homens dissidentes da heterossexualidade. Várias drogas podem ser utilizadas nesse processo, e são frequentemente usadas em combinação para facilitar as sessões sexuais que duram várias horas ou dias com vários parceiros sexuais. Ao usar substâncias no momento da relação sexual, as pessoas relatam sexo melhor, reduzindo as inibições e aumentando o prazer. Eles facilitam a excitação sustentada e induzem uma sensação de relacionamento instantâneo com os parceiros sexuais. Alguns usuários relatam usá-los para controlar sentimentos negativos, como falta de confiança e autoestima, homofobia internalizada e estigma sobre sua condição de HIV (Mccall et al., 2015; Dolengevich-segal et al., 2017).

O risco para o chemsex envolve experiências de desenvolvimento de homens dissidentes da heteronorma. O risco para o uso de álcool e outras drogas é relatado como sendo aumentado para LGBT's como meio de lidar com o estresse social minoritário e com as experiências de discriminação que nós geralmente passamos em nosso desenvolvimento. Então, quando a perspectiva do uso de álcool e outras drogas como forma de lidar com o estresse social e discriminação encontra a estimulação hipersexual advinda dos estereótipos de masculinidade, podemos ter aí pistas que nos ajudam a compreender o fenômeno do chemsex nos processos de subjetivação da sexualidade de homens gays. Cabe ainda ressaltar que as políticas públicas de saúde e educação brasileiras parecem não estarem preparadas para lidar com o chemsex, devido a intersecção entre discriminações homofóbicas e o estigma proibicionista do uso de substâncias.

Há ainda atravessamentos nesse fenômeno, que diz respeito à qual homem dissidente tem acesso aos tipos de drogas utilizadas no chemsex. Como determinadas drogas não são tão acessíveis financeiramente, podemos observar um atravessamento e

classe nesse aspecto. Além do mais, não se pode desprezar os riscos que o chemsex traz à saúde, podendo ter efeitos colaterais mínimos indo até o envolvimento em violência na intimidade, infecções sexualmente transmissíveis e até mesmo ao óbito.

### **Violência na intimidade e políticas públicas**

A dinâmica da violência por parceiro íntimo (VPI) nas relações de homens gays pode, em alguns momentos apontar para dinâmicas de gênero heteronormativas, mas ainda assim apresenta especificidades que são da vida LGBT. Estando as masculinidades imersas em relações de poder, essas interações que envolvem dinâmicas de gênero, raça, classe etc., podem culminar no aumento do estresse social minoritário já vivido por esses homens na sua condição minoritária, influenciando aí na produção da VPI, que muitas vezes pode ser bidirecional, sustentada por estereótipos de gênero do tipo: “sou homem, não levo desaforo pra casa”. Um desafio nessa questão é reconhecer a VPI entre homens como um problema de saúde pública.

Historicamente, o Brasil foi um país pouco ativo em relação a violência doméstica. A Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, só foi proposta e aprovada no Brasil após a Corte Interamericana de Direitos Humanos condenar o Estado brasileiro por omissão e negligência em relação à violência contra as mulheres. A partir dessa questão, o Brasil começou a estruturar uma rede de proteção e atendimento à mulher vítima de violência na intimidade e essa estruturação se estende a mulheres lésbicas e mulheres transexuais. Mas e homens em situação de VPI?

Há atravessamentos de gênero que tornam a experiência de homens vítimas na intimidade invisibilizada. Por exemplo, os estereótipos de gênero muitas vezes fazem com que homens não consigam se reconhecer como vítimas e mesmo quando esse supera essa questão e decide procurar ajuda especializada, sua demanda geralmente é rechaçada por um Estado que não está preparado para lhe acolher. Quando acrescentamos a orientação sexual nesse meio, a história se torna ainda mais complexa

de modo que além de não ter sua demanda acolhida, o homem gay vítima de VPI que denuncia a violência vivida ainda pode sofrer discriminação homofóbica nos serviços ditos especializados. Além do mais, muitos desses serviços não estão preparados para atender demandas que não sejam a de mulheres heterossexuais cisgêneras vitimizadas.

Mas essa demanda não se encerra em si mesma. De acordo com Maffioletti, Souza e Beiras (prelo), a maneira como o Estado brasileiro lida com a VPI entre casais homossexuais masculinos varia a partir de quem opera o direito. Há relatos de juízes que aplicaram a Lei Maria da Penha em casos de VPI entre homens homossexuais, bem como há casos de juízes que negaram a proteção à vítima com base nessa mesma lei devido à ausência de uma mulher na condição de vítima na relação.

Um outro desafio nessa questão diz respeito a como o tema da VPI homossexual pode ser utilizado por campos conservadores/reacionários no nosso país. Que nosso congresso nacional não seja, de maneira nenhuma, a representação fidedigna da população brasileira e que muitas dinâmicas políticas feitas pelos parlamentares visam apenas ganhar capital eleitoral em suas bases, disso sabemos. A grande questão aqui é que com a ascensão do conservadorismo fascista no país, com sua representação máxima na eleição de Jair Bolsonaro a presidência, temas que dizem respeito a direitos das minorias foram quase que apagados da agenda de políticas públicas do país e com o uso do discurso de proteção a família heteronormativa, demandas delicadas como o da VPI entre homossexuais não tem espaço na pauta pública e pior, um tema como esse pode até ser instrumentalizado para marginalizar ainda mais LGBT's no país.

### **Considerações Finais**

O objetivo deste estudo foi trazer alguns pontos reflexivos sobre a subjetivação da sexualidade de homens gays. Apresentei sete pontos argumentativos que envolvem a interseccionalidade entre gênero, raça, classe, deficiência, uso de álcool e outras

substâncias etc., que auxiliam a reflexão de como a sexualidade masculina gay é influenciada por padrões voltados as normas sociais cis-heteronormativas.

As categorias discutidas sugerem um entrelaçamento histórico e social que envolve o homem gay cis durante todo o seu desenvolvimento, ditando normas sobre como ser um gay aceitável diante dos olhos da heterossexualidade e como angariar poder diante de outras masculinidades gays, o que marginaliza essas masculinidades dissidentes da performatividade de gênero viril.

Nesse sentido, é possível observar e sugerir, que o desenvolvimento da sexualidade masculina gay envolve o desconstruir de uma identidade heterossexual imposta para construir uma identidade gay, mas o mesmo tempo, para construir essa identidade gay, tal homem precisa recorrer a estereótipos da cis-heterossexualidade para sofrer uma menor quantidade de retaliações sociais. De modo que gays que não homonormatizados vivenciam exclusões advindas da sociedade heteronormativa e da comunidade gay normatizada, mas essa discussão ficará para um outro estudo.

Por fim, acredito ser necessário citar as limitações do estudo. Não abordei, por exemplo, a categoria do fetiche, por entender que esse tema precisa de aprofundamentos específicos e em outra pesquisa, serão discutidos em profundidade, bem como não abordei questões relacionadas a homens gays trans, por entender que a cisgeneridade, como força política, é um elemento crucial na trajetória da sexualidade de homens gays, e como homens trans tensionam essa questão, o tema merece aprofundamento específico em outras oportunidades de escrita.

Dessa forma, encerro essa discussão com a intenção de deixar a discussão em aberto para outros pesquisadores possam me ajudar a entender melhor os vários processos de subjetivação envolvidos na construção/desconstrução da sexualidade masculina gay cis.

## Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BARANSKI, Anna Flávia Schmitt Wyse. “Um oceano sobre o qual se surfa”: **práticas digitais e o relacionamento sugar**. Monografia (especialização). Especialização em Linguagens e Educação a Distância, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2019.
- BARATA, Rita Barradas et al. Classe social: conceitos e esquemas operacionais em pesquisa em saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 47, n.4, p.647-55, 2013 <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2013047004396>
- BBC. 'Me disseram que eu era feio demais para ser gay'. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51450567>
- BORGES, Melissa Toledo; TILIO, Rafael de. Consumo de pornografia midiática e masculinidade. **Revista Periódicus**, Salvador, v.10, n.1, p.402-426, 2018. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i10.25851>
- BRAZ, Camilo. Entre sobreviventes e bichas dos tempos dourados - memória, homossexualidade e sociabilidade na cidade de Goiânia, Brasil\*. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.45, p.503-525, 2015. <https://doi.org/10.1590/18094449201500450503>
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALABRÒ, Rocco Salvatore et. al. Sexual Function in Young Individuals With Multiple Sclerosis: Does Disability Matter? **The Journal of neuroscience nursing**, Bethesda, v.50, n. 3, p.161–166, 2018. <https://doi.org/10.1097/jnn.0000000000000367>
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, p.171-187, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

DOLENGEVICH-SEGAL, Helen et al. Chemsex. Um fenômeno emergente. **Vícios**, Barcelona, v.29, n.3, p.207-209, 2017. Disponível em: <<https://www.adicciones.es/index.php/adicciones/article/view/894/875>>. Acessos em 11 jun 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GAMA, Maria Clara Brito da. Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, n. 31, p.4-27, 2019.

GESSER, Marivete et al. (Orgs.). **Psicologia e pessoas com deficiência**. Florianópolis: Conselho Regional de Psicologia de Santa Catarina – CRP-12: Tribo da Ilha, 2019.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar.

GOLDENBERG, Tamar et al. “Struggling to be the alpha”: sources of tension and intimate partner violence in same-sex relationships between men. **Culture, Health & Sexuality**, Bethesda, v.18, n.8, p.875–889, 2016.

HENNING, Carlos Eduardo. Olhares para o Conceito de Geração: uma etnografia das homossexualidades na adolescência e na velhice na cena GLS da cidade de São Paulo. In: **Anais do II Seminário Nacional Sociologia e Política**. Curitiba, UFPR, 2010.

HINING, Ana Paula Silva; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 1, p. 1-15, 2023. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n183266>

IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos; ORLEANS, Roberto Ghignone de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.25, n.4, p.773-782,2009

ISTO É. Ícaro Silva fala sobre experiência com racismo na comunidade gay. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/icaro-silva-fala-sobre-experiencia-com-racismo-na-comunidade-gay/> / Acessos em 11 Jun 2023

MAFFIOLETTI, Camila; SOUZA, Daniel Cerdeira de; BEIRAS, Adriano. Corpos matáveis, corpos deixados para morrer: violência nas relações homossexuais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. (prelo).

MCCALL, Hannah et al. What is chemsex and why does it matter? **BMJ**, Londres, p.h5790, 2015. <https://doi.org/10.1136/bmj.h5790>

MCCANN, Edward; LEE, Regina; BROWN, Michael. The experiences and support needs of people with intellectual disabilities who identify as LGBT: A review of the literature. **Research in Developmental Disabilities**, Bethesda, v.57, p.39-53, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2016.06.013>

MEYER, Illan. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychol Bull.** Bethesda, v.129, n.5, p.674-697. 2003. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2072932/>

OLIVEIRA, João Manoel. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de "consolação". **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v.25, n. 1, p.68-78, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000100009>

OLIVEIRA, João Manoel. Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In NOGUEIRA, C.; OLIVEIRA, J. M. de. (Orgs.). **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género**. Lisboa: CIG, 2010, pp. 19-44.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **La salud sexual y su relación con la salud reproductiva: un enfoque operativo**. 2015 Disponível em: <[https://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual\\_health/sh-linkages-rh/es/](https://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/sh-linkages-rh/es/)> . Acessos em 11 Jun 2023.

PLATERO, Raquel. Metáforas y articulaciones para una pedagogía crítica sobre la interseccionalidad. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v.16, n.1, p.55-72, 2014. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1219>

SANTOS, Daniel. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. **Universitas Humanas**, Brasília, v.11, n.1, p.7-20, 2014. <https://doi.org/10.5102/univhum.v11i1.2923>

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **cadernos pagu**, Campinas, v. 28, p.19-54, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>

SOUZA, Daniel Cerdeira et al. "A Critical Review on Relations between Heterosexual Parents and Their Homosexual Sons/Daughters." **IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSRJHSS)** v.24, n.09, p.01-06, 2019. Disponível em: <https://www.iosrjournals.org/iosr-jhss/papers/Vol.%2024%20Issue9/Series-8/A2409080106.pdf> Acessos em 11 Jun 2023.

SOUZA, Daniel Cerdeira et al. A produção literária sobre homofobia internalizada. **REBH – Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Redenção, v. 2, n.1, p.192-210, 2018. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/199> Acesso em 11 jun 2023.

SOUZA, Daniel Cerdeira. **Violência nas relações homossexuais masculinas em Manaus**. Manaus: Editora UEA, 2022.

SOUZA, Daniel Cerdeira. **Violência por parceiro íntimo nas relações entre homens**. Tese de Doutorado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

TIRIBA, Thais Henrique. Sugar relationships: sexo, afeto e consumo na África do Sul e no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.27, n.3, p.e66921, 2019. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n366921>

WOODYATT, Cory; STEPHENSON, Rob. Emotional intimate partner violence experienced by men in same-sex relationships. **Cult Health Sex**, Bethesda, v.18, n.10, p.1137–1149, 2016.

Cisgender gay men and sexuality:  
Reflections and concerns

**Abstract:** Historically, male homosexuality is understood as a moral deviation and this generates peculiar subjectivation processes in cisgender gay men. The objective of this study was to reflect on social aspects that mediate these men's experience of sexuality. This is a theoretical study, in which I tried, without ending the discussions and using intersectionality as an analytical operator, to develop some reflections in seven categories of analysis, constructed through my experiences as a researcher of gender and sexuality. The seven categories are: 1) Male homosexuality and social development; 2) The body, gender and norms; 3) Racism; 4) Money, power and gay cisgender masculinities; 5) Pornography and male homosexuality: subjectivation and violence; 6) Chemsex; 7) Intimate violence and public policies. In general, it was possible to discuss historical and social aspects present in the way cisgender gay men learn their sexual experiences, with special attention to the encounter between the categories of gender (made and remade in the body), race and class in the production of affective relationships and sexual. Hypermasculinity emerged as a very important point in the discussion, so other categories, such as class, can be used to keep gay men as masculine as possible, thus maintaining their sexual capital in the community. It was also possible to observe that the sexuality of cisgender gay men is immersed in power relations with other men, and that the social stress of being a dissident from heterosexuality, in addition to being able to culminate in the use of substances for the phenomenon of Chemsex, which is little discussed in the Brazilian homosexual experience. Furthermore, intimate violence among these men is a topic that lacks specific public policies, which creates the impression of non-existence.

**Keywords:** Sexuality; Male homosexuality; Gay men; Masculinities.

Los Hombres cisgéneros homosexuales y la sexualidad  
Reflexiones e inquietudes

**Resumen:** Históricamente, la homosexualidad masculina es entendida como una desviación moral y esto genera peculiares procesos de subjetivación en los hombres homosexuales cisgénero. El objetivo de este estudio fue reflexionar sobre los aspectos sociales que median la experiencia de sexualidad de estos hombres. Se trata de un estudio teórico, en el que intenté, sin finalizar las discusiones y utilizando la interseccionalidad como operador analítico, desarrollar algunas reflexiones en siete categorías de análisis, construidas a través de mis experiencias como investigadora de

género y sexualidad. Las siete categorías son: 1) Homosexualidad masculina y desarrollo social; 2) El cuerpo, el género y las normas; 3) racismo; 4) Dinero, poder y masculinidades gay cisgénero; 5) Pornografía y homosexualidad masculina: subjetivación y violencia; 6) sexo químico; 7) Violencia íntima y políticas públicas. En general, fue posible discutir aspectos históricos y sociales presentes en la forma en que los hombres gays cisgénero aprenden sus experiencias sexuales, con especial atención al encuentro entre las categorías de género (hecho y rehecho en el cuerpo), raza y clase en la producción de las relaciones afectivas y sexuales. La hipermasculinidad surgió como un punto muy importante en la discusión, por lo que otras categorías, como la clase, pueden usarse para mantener a los hombres homosexuales lo más masculinos posible, manteniendo así su capital sexual en la comunidad. También se pudo observar que la sexualidad de los hombres homosexuales cisgénero está inmersa en relaciones de poder con otros hombres, y que el estrés social de ser disidente de la heterosexualidad, además de poder culminar en el uso de sustancias para el fenómeno de Chemsex, poco discutido en la experiencia homosexual brasileña. Además, la violencia íntima entre estos hombres es un tema que carece de políticas públicas específicas, lo que crea la impresión de inexistencia.

Palabras clave: Sexualidad; Homosexualidad masculina; Hombres gay; Masculinidades.

**Recebido: 12/06/2023**

**Aceito: 09/08/2024**